



Napedra e o lugar sentido das coisas

John C. Dawsey

John C. Dawsey é coordenador do Napedra e Professor Titular do PPGAS/USP.

O Núcleo de Antropologia, Performance e Drama (Napedra) reúne antropólogos em busca de saberes associados às artes performativas, e pesquisadores das artes interessados em Antropologia. Trata-se de um dos grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP). Ressalta-se, porém, sua natureza interinstitucional. Chama atenção a participação no grupo de professores, alunos e artistas do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA/UNICAMP), com destaque à Profa. Regina Pólo Muller, vice-coordenadora do Napedra e uma das precursoras de estudos de Antropologia da performance no Brasil. É significativa, também, a participação de professores com vínculos em outras instituições: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Universidade Estadual de Londrina (UEL). Como colaboradores externos participam professores da Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade Federal do Sergipe (UFS).

O Napedra, tal como outros grupos, tem uma história originária. Em 1999, como um dos desdobramentos de uma tese de livre-docência¹, foi proposta uma nova disciplina optativa no PPGAS/USP: Paradigmas do Teatro na Antropologia, que vem sendo oferecida regularmente desde então². Em 2001, a partir da iniciativa de um grupo de alunos dessa disciplina, interessados em explorar uma série de questões além do âmbito disciplinar, surgiu o Napedra. Decidimos aprofundar nossos estudos nas interfaces de Antropologia e performance, alternando estudos de textos relevantes à Antropologia da performance com experiência em campo de eventos performáticos.

Em campos acadêmicos e artísticos, o conceito de performance adquire formas variadas, cambiantes e híbridas. Há algo de não resolvido neste conceito que resiste às tentativas de definições conclusivas ou delimitações disciplinares. Aquém ou além de uma disciplina, ou, até mesmo, de um campo interdisciplinar, os estudos de performance se configuram como uma espécie de anti disciplina³. A partir de diferentes campos do saber e expressões artísticas – desde o teatro e as artes performativas à Antropologia, Sociologia, Psicanálise, Lingüística, pesquisas sobre folclore, e estudos de gênero – formula-se o conceito de performance⁴.

Na Antropologia da performance, duas abordagens freqüentemente ganham forma e se destacam: uma mais próxima à lingüística (John Austin, Dell Hymes, Richard Bauman...) e outra ao teatro (Victor Turner, Richard Schechner, ...). No percurso da maioria dos membros do Napedra, observa-se a força gravitacional exercida por um conjunto de leituras associadas, particularmente, à segunda abordagem, nas interfaces de Antropologia e Artes cênicas.

As afinidades eletivas entre o pensamento teatral e o fazer antropológico merecem atenção. O modo como Roland Barthes define o teatro é propício para discutir tais afinidades. Trata-se, diz ele, de uma atividade "que calcula o lugar olhado das coisas". Esta definição também é boa para se pensar a Antropologia. Ao produzirem conhecimento, a Antropologia e o teatro provocam um deslocamento do lugar olhado das coisas. Suscitam estranhamento. Conduzem o ator, também pesquisador, a uma experiência de alteridade. Brincam com o perigo. A etimologia da palavra teoria é a mesma do teatro, "ato de ver". O modo como a Antropologia elabora suas teorias muito tem a ver com os saberes desenvolvidos nas Artes cênicas. A fórmula que Lévi-Strauss descobre em Rousseau – "eu é um outro" – que serve como princípio para a Antropologia, tem afinidades marcantes com a experiência do ator.

Antropólogos muito têm a aprender com as Artes cênicas. Com elas descobrimos algo sobre os papéis sociais. E, principalmente, sobre a interrupção desses papéis. Iluminam-se processos associados à construção da personagem e da pessoa, ou persona – uma palavra que evoca a idéia de máscara. Aprendemos sobre as relações entre máscara e corpo. Deparamo-nos com a primazia do corpo, quetem razões que a própria cultura desconhece. Partindo da idéia de que os sentidos do mundo se formam através dos sentidos do corpo, a Antropologia não deixa de ser uma atividade que calcula o lugar "sentido" das coisas.

Com as Artes cênicas exploramos dimensões dramáticas da vida social. E os modos como dramas sociais se relacionam com dramas rituais e estéticos. Também

nos vemos diante de formas capazes de arrepiar, interromper, ou provocar desvios em relação aos processos dramáticos. A arte imita a vida tanto quanto a vida imita a arte. Acima de tudo, nos deparamos com o humano capaz de surpreender-se a si mesmo. Chama atenção suas contradições. Sua estranheza. O humano também causa espanto. Seriam as culturas algumas das histórias mais insólitas que a natureza conta para si sobre ela mesma?

O Napedra tem sido pioneiro em estudos de performance na Antropologia brasileira. Através de teses, dissertações, artigos e livros estamos contribuindo para a formação de um campo de pesquisa. Em 2010, organizamos o I Encontro Nacional de Antropologia e Performance (I ENAP), realizado na USP. Em 2009, foi realizado o Colóquio do Napedra: Sons, Ruidos e Poéticas da Performance. Também propomos os primeiros fóruns de pesquisa e grupos de trabalho em estudos de performance nos encontros regionais e nacionais da Associação Brasileira de Antropologia (ABANNE 2003; RBA 2004, 2006) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS 2005, 2006, 2007). Organizamos fóruns de pesquisa e grupos de trabalho no Primeiro Congresso Latinoamericano de Antropologia (ALA 2005) e Reuniões de Antropologia do Mercosul (RAM 2005, 2009). Estabelecemos vínculos com a *New York University* e outros centros de estudos de performance.

Em 2008, foi aprovado pela FAPESP nosso projeto temático, "Antropologia da Performance: Drama, Estética e Ritual"⁵. Trata-se de um desdobramento da própria história do Napedra, num momento de articulação entre diversos grupos de pesquisa no Brasil voltados aos estudos de performance, com destaque à inclusão, como membros do Napedra, de professores e alunos do Instituto de Artes da Universidade de Campinas (IA/Unicamp). Nessa interface, onde se encontram pesquisadores do IA/Unicamp, que aprofundam o seu diálogo com a Antropologia, e os do PPGAS/USP, que buscam conhecimentos em estudos de performance, configura-se uma proposta de projeto temático. O processo interdisciplinar de elaboração deste projeto evoca um momento marcante no surgimento da Antropologia da performance, nos anos de 1960 e 1970, quando Richard Schechner, um diretor de teatro virando antropólogo, faz a sua aprendizagem antropológica com Victor Turner, um antropólogo que, na sua relação com Schechner, torna-se aprendiz do teatro. De início, observa-se uma afinidade entre o grupo do IA e os membros originários do Napedra: a elaboração de uma constelação bibliográfica em torno dos estudos de performance de Victor Turner e Richard Schechner. Trata-se de um dos pontos luminosos de um universo de pesquisa descentrado e em expansão. Os projetos individuais, apresentados no projeto

temático, podem ser vistos como desdobramentos, ou ecos criativos, do diálogo entre Schechner e Turner. Apresentam-se como tranças - uma das noções sugestivas de Schechner - reunindo e, até mesmo, tensionando as linhas de estudo a respeito de drama, estética e ritual. São essas as três linhas mestras a partir das quais o projeto temático se constitui, evidenciando diferentes perspectivas para análise de fenômenos de performance. Através do debate interdisciplinar que aqui se propõe procura-se contribuir para a formação de um campo de pesquisa.

Vinte e três projetos individuais estão sendo desenvolvidos no projeto temático. Três projetos procuram focar componentes estéticos de rituais ameríndios Asurini. Em um exercício comparativo de rituais Asurini e dança contemporânea, Regina Pólo Muller ilumina um campo de afinidades eletivas, envolvendo dimensões expressivas do corpo. Eduardo Néspoli produz uma instalação com os elementos sonoros captados nestes rituais. Alice Villela produz um filme a partir das imagens de corpos em cena. Articulando procedimentos associados à Antropologia da performance e à Antropologia visual, Edgar Teodoro da Cunha desenvolve uma abordagem performativa para a análise de imagens produzidas em uma pesquisa sobre o funeral bororo. Aspectos lúdicos da performance, que se manifestam nas relações entre corpo e máscara, são abordados no projeto de Luciana Lyra sobre o "teatro das bordas" das Heroínas do Tejucupapo de Pernambuco. Em um projeto sobre o circo-teatro, Ana Lúcia Ferraz elabora uma experiência com a Etnoficção, discutindo noções de performance e drama. Questões que têm a ver com a ambiguidade da brincadeira e *mimesis* se apresentam no projeto de Marcos Vinicius Malheiros Moraes sobre a experiência da infância em escolas. Em uma pesquisa que investiga fenômenos associados a processos de desterritorialização da capoeira no mundo contemporâneo, João Luis Uchoa de Figueiredo Passos também se propõe a discutir a experiência lúdica. A experiência *liminóide* do universo contemporâneo apresenta-se como o foco da etnografia multisituada de Carolina de Camargo Abreu a respeito das *raves* na Inglaterra e no Brasil. Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer investiga as dimensões performativas de gênero que se manifestam em processos judiciais envolvendo alteração de nomes. Ana Letícia de Fiori faz uma audição de ruídos produzidos em rituais de júri de um crime de repercussão no imaginário nacional, envolvendo narrativas sobre "rituais macabros" e jogos de RPG (Role-Playing Games). Jânia Perla Diógenes de Aquino desenvolve uma Antropologia da experiência analisando dimensões teatrais de grandes roubos contra instituições financeiras. Vários projetos procuram focar fenômenos associados à experiência com universos do sagrado. Francirosy Campos Barbosa Ferreira

desenvolve um estudo reflexivo a respeito da experiência da própria pesquisadora em comunidades muçulmanas em São Paulo. A natureza performativa do trabalho de pesquisa apresenta-se como uma questão central. Ana Cristina Oliveira Lopes investiga as dimensões performativas de escrituras atribuídas ao V Dalai Lama na criação de rituais e de uma cosmologia do Estado de Tibete. Celso Vianna Bezerra de Menezes elabora uma abordagem performativa de rituais em grupos contemporâneos que cultivam as memórias e práticas associadas ao movimento do Contestado no sul do Brasil. Dois projetos voltam-se ao estudo de festas populares. Adriana de Oliveira acompanha a Folia do Divino como forma de discutir a experiência da Festa do Divino Espírito Santo em São Luis do Paraitinga. Giovanni Cirino aborda a Congada no município de Ilhabela a partir da realização da Festa de São Benedito. A experiência de famílias que participam do movimento dos Sem-Terra, que se manifesta em histórias de assombrações, constitui o foco do projeto de pesquisa realizado por Danilo Paiva Ramos. Em um estudo sobre quilombos, Rubens Alves da Silva investiga as dimensões performativas de identidade étnica que se revelam em narrativas orais. Rose Satiko Hikiji analisa a introdução do audiovisual na pesquisa etnográfica, captando a natureza performativa de processos em quais as relações entre antropólogos e sujeitos pesquisados são mediadas pela câmera. Marianna Francisca Martins Monteiro procura explorar o universo do teatro na metrópole, focando experimentos contemporâneos de performance nas artes. Ana Goldenstein Carvalhaes investiga questões de alteridade e experiência na obra de Renato Cohen, discutindo a noção de persona performática. Como um desdobramento de pesquisas de campo realizadas entre “boias-frias” em canaviais e carrocerias de caminhões, John Cowart Dawsey procura repensar os usos de paradigmas de teatro dramático na Antropologia. Em vários projetos do temático evidencia-se um interesse em explorar os modos como os campos da Antropologia e da performance se reconfiguram a partir dos estudos de Walter Benjamin⁶. Acima de tudo, o que move os participantes do Napedra são as perspectivas de explorar um universo em expansão dos estudos de performance.

- COORDENADOR John Cowart Dawsey (PPGAS/ USP)
- VICE-COORDENADORA Regina Pólo Muller (IA/ Unicamp)
- PROFESSORES DOUTORES Marianna Francisca Martins Monteiro (Artes Cênicas/ Unesp), Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer (PPGAS/ USP), Rose Satiko Gitirana Hikiji (PPGAS/ USP), Rubens Alves da Silva (Comunicação/ UFMG), Francirosy Campos Barbosa Ferreira (IA/ Unicamp/ prodoc), Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz (pós-doutoranda PPGAS/ USP), Edgar Teodoro da Cunha (pós-doutorando PPGAS/ USP), Celso Vianna Bezerra de Menezes (Ciências Sociais/ UEL), Jânia Perla Diógenes de Aquino (recém formada pelo PPGAS/USP), Eduardo Néspoli (Música/ Universidade Federal de São Carlos), Ana Cristina Oliveira Lopes (pós-doutoranda PPGAS/ USP), Meran Muniz da Costa Vargens (pós-doutoranda IA/ Unicamp)
- DOUTORANDOS Luciana de Fátima Pereira de Lyra (IA/ Unicamp), João Luis Uchoa de Figueiredo Passos (IA/ Unicamp), Carolina de Camargo Abreu (PPGAS/ USP), André-Kees de Moraes Schouten (PPGAS/ USP), Giovanni Cirino (PPGAS/ USP), Danilo Paiva Ramos (PPGAS/ USP)
- MESTRES E MESTRANDOS Alice Villela (IA/ Unicamp), Adriana de Oliveira (PPGAS/ USP), Ana Goldenstein Carvalhaes (Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte/ USP), Marcos Vinicius Malheiros Moraes (PPGAS/ USP), Ana Letícia de Fiori (PPGAS/ USP), Denise Moraes Pimenta (PPGAS/ USP), Kelen Pessuto (IA/ Unicamp), Bianca Caterina Tereza Tomassi (IA/ Unicamp), Tatiana Molero Giordano (IA/ Unicamp)
- GRADUADOS Maria Angélica Rodrigues de Sousa (Antropologia/ Unicamp)
- COLABORADORES EXTERNOS Rita de Cássia Almeida Castro (Artes Cênicas/ UnB), Robson Corrêa de Camargo (Artes

Napedra e o lugar sentido das coisas, John C. Dawsey.

Revista Proa, nº02, vol.01, 2010.

<http://www.ifch.unicamp.br/proa>

Cênicas/ UFG), Eufrázia Cristina Menezes Santos
(Antropologia/ UFS), Vanilza Jacundino Rodrigues
(mestre PPGAS/ USP)

SÍTIO ELETRÔNICO www.fflch.usp.br/da (Núcleos de
Pesquisa/NAPEDRA)

CONTATO 55 11 3091-3045

CORRESPONDÊNCIA Laboratório de Imagem e Som em
Antropologia (LISA)

Rua do Anfiteatro, 181, Conjunto Colméia, Favo 10.

São Paulo, SP, Brasil. CEP 05800-900

Como citar esse texto

DAWSEY, J. C. NAPERDRA – Núcleo de Antropologia, performance e drama: em busca do lugar sentido das coisas. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/Relatos%20e%20ExperienciasII/john.html> , acesso em: dd/mm/aaaa.

Notas

¹ Dawsey, John C. *De que riem os "bóias-frias"?* Walter Benjamin e o teatro épico de Brecht em carrocerias de caminhões. Tese de livre-docência em Antropologia Social. FFLCH/USP, 1999.

² Em anos recentes, outras disciplinas associadas à Antropologia da performance foram cadastradas e oferecidas pela Profa. Marianna Francisca Martins Monteiro (no curso de Artes Cênicas da UNESP em São Paulo), pela Profa. Rose Satiko Hikii (no PPGAS/USP), pelo Prof. Rubens Alves da Silva (no curso de Ciências Sociais da UFJF), pela Profa. Prodoc Francirosy Campos Barbosa Ferreira (no IA/ Unicamp), pela Profa. e pós-doutoranda Ana Lúcia Ferraz (PPGAS/ USP), e pelo Prof. e pós-doutorando Edgar Teodoro da Cunha (PPGAS/ USP).

³ Esta é a posição de Joseph Roach e Dwight Conquergood, que foram diretores, respectivamente, dos programas de estudos de performance de New York University e Northwestern. Cf. CARLSON, Marvin. *Performance: a critical introduction*. London and New York: Routledge, 1999, p. 189.

⁴ Alguns nomes logo vêm à mente: Erving Goffman (Sociologia); Victor Turner e Milton Singer (Antropologia); Richard Schechner (teatro e Antropologia); Richard Bauman (Estudos de folclore, arte verbal, e Antropologia); Judith Butler (estudos de gênero); John Austin, Dell Hymes e Charles Briggs (Linguística e Etnolinguística); Paul Zumthor (Literatura oral); J. L. Moreno (Psicodrama), et al. Chamam atenção, ainda, os estudos em Etnocologia de Jean-Marie Pradier. Quanto ao teatro e às artes performativas, seria preciso retomar a História (e Pré-História) das vanguardas artísticas do século vinte: Cubismo, Surrealismo, e Dada; teatro de Bertolt Brecht, Antonin Artaud, Jerzy Grotowski, e Eugenio Barba; música de John Cage; dança de Isadora Duncan e Ann Halprin; "happenings" de Allan Kaprow; teatro de rua; guerrilha teatral feminista e WITCH (Women's International Terrorist Conspiracy from Hell). Na Antropologia a literatura é extensa. Além de alguns dos nomes acima citados, seria preciso mencionar outros: Marcel Mauss (referência clássica para estudos de técnicas corporais e da noção de pessoa); Clifford Geertz (Antropologia interpretativa inspirada em noções de "dramatismo" e "ação simbólica" de Kenneth Burke); Marshall Sahlins (referência para a distinção entre estruturas "prescritivas" e "performativas"); Stanley Tambiah (estudos de rituais); John Blacking (Antropologia do corpo e Antropologia da música); Anthony Seeger e Alan Merriam (Antropologia da música); Anya Royce e Judith Hanna (Antropologia da dança); Edward Bruner e Barbara Kirshenblatt-Gimblett (Antropologia do turismo); Joel Sherzer, Dennis Tedlock, Ruth Finnegan, Jack Goody, Walter Ong, e Jan Vansina (Etnopoética e Literatura oral); Peter McLaren (rituais e educação); et al. Estudos que se inspiram em noções de jogo, brincadeira e enquadramentos lúdicos (*play frames*) também são relevantes: Gregory Bateson, Mikhail Bakhtin, Johan Huizinga, Roger Caillois, Brian Sutton-Smith, et al. Observa-se que os escritos de Kenneth Burke, mencionados acima em parênteses, inspiram não apenas a abordagem de Geertz, mas, também, as de Turner, Goffman e Bauman.

⁵ Processo FAPESP no. 06/53006-2.

⁶ Nesse desafio ouve-se alguns dos ruídos e remoinhos dos escritos de Michael Taussig.